

Cor e construção cultural

Color and cultural construction¹

Glória Itabirano Gomide²

1 A primeira versão deste texto foi apresentada no seminário Polarizações, promovido pelo Grupo de Pesquisa Mídia e Narrativa, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, de 3-5 de novembro de 2015.

2 Publicitária, doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
E-mail: gloriagomide@gmail.com.

Resumo

Historicamente, a cor sempre teve um papel de significação ideológica. Logo, cabe um estudo sobre sua representação no momento em que manifestações partidárias urgem nas ruas – normalmente em conclames pelas redes sociais. A proposta é, portanto, estudar a origem e a psicodinâmica das cores; a cor como representação ideológica; as cores usadas como símbolos de patriotismo ou totalitarismo. Além disso, analisar a construção de um discurso sociocultural através da cor, refletindo também sobre como o azul-verde-amarelo se tornou uma conjunção camaleônica representante da cada manifestação política. Como observação final, iremos refletir a quem pertencem as cores da bandeira nacional, se é que elas têm dono.

Palavras-chave

Psicologia da cor, redes sociais, símbolos nacionais, política nacional.

Abstract

Historically, color has always had a role of ideological significance. Therefore, it is appropriate a study of its representation, in a moment when partisan events urge on the streets – often in social networks demonstrations. The proposal is to study the origin and the psychodynamics of colors; color as ideological representation; the colors used as symbols of either patriotism or totalitarianism. In addition, it analyzes the construction of a cultural discourse through color, reflecting on how the blue-yellow-green became a representative chameleonic conjunction of every political rally. As a final note, it reflects on to whom the colors of the national flag belong, if they have an owner.

Keywords

Color psychology, social media, national symbols, national politics.

A cor

Cor é como a palavra e o som. Inevitáveis e representantes de sentimentos e ações. Desde as primeiras representações humanas, através dos hieróglifos, vimos que suas ações são representadas por desenhos, ou melhor, pictogramas que demonstravam o dia-a-dia daquele homem que através de sua palavra desenhada a coloriu para o futuro. As pinturas, através dos séculos, demonstram a necessidade da expressão da arte através da cor. Poucos foram os artistas que tiveram suas telas pigmentadas monocromaticamente, o que não diminui em nada o significado do uso de apenas uma cor. Provavelmente o impacto é às vezes muito mais surpreendente.

Pablo Picasso, em 1937, conseguiu através de tons de cinza criar a obra mais antibelicista do século XX, "Guernica", na qual mostra o horror da Guerra Civil Espanhola. Goya, artista francês, também se valeu apenas dos traços pretos em muitas de suas telas. Lembremos também da *pop art*, movimento artístico da década de 1960, cujo pioneiro foi Victor Vasarely, na qual figuras geométricas, especialmente em combinação com o preto e o branco, dão a impressão que a imagem está em movimento.

No entanto, a proliferação ou poluição visual faz deste um século espectral: o espectro da cor. As telas dos *mobiles*, das televisões, exigem a multiplicidade de cores. E o audiovisual abunda em coloridos, jogando o p&b quase sempre no velho artifício de "filme de arte". Preto, branco, vermelho, azul, verde, amarelo e o infinito espectral geram códigos completos da simbologia das cores, inclusive atribuindo-lhes caráter mágico.

A utilização simbólica de formas geométricas como a circunferência, o quadrado ou o triângulo se mantém no decorrer do tempo ao suscitar ideias análogas a vários povos em lugares e épocas diferentes. O mesmo ocorreu com a cor de uma forma mais complexa, visto que a simbologia da cor nos povos primitivos nasceu de analogias representativas e conseqüentemente de desdobramentos comparativos, para atingir sua independência subjetiva e, a seguir, cultural. Segundo Israel Pedrosa,

os diversos elementos da simbologia da cor, como todos os códigos (visuais, gestuais, sonoros ou verbais), resultam da adoção consciente de determinados valores representativos, designativos ou diferenciadores, emprestados aos sinais e símbolos que compõem tais sistemas ou códigos. Com efeito, o que dá qualidade e significado ao símbolo (sinais sonoros, verbais ou visuais) é sempre sua utilização. Por isto, a criação dos símbolos mais significantes e duráveis é, via de regra, ato coletivo de função social, para satisfazer certas necessidades de representação e comunicação (PEDROSA, 1982, p. 99).

O primeiro caráter do simbolismo das cores é, portanto, sua universalidade, não só geográfica, mas também em todos os níveis do conhecimento. As interpretações, no entanto, podem variar dependendo da cultura, ou melhor, da sua função cultural. “O vermelho, por exemplo, recebe diversas significações conforme as culturas. As cores permanecem, no entanto, sempre e, sobretudo, como fundamentos do pensamento simbólico” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 275).

Como já se disse, nunca se empregou tanto a cor como nesses tempos. As possibilidades tecnológicas impulsionam tanto o mercado de corantes responsáveis por tintas plásticas e sintéticas, quanto da comunicação – mensagens visuais e cenários coloridos preenchem cada vez mais as metrópoles e as telas. No entanto, esse uso objetivo da aquarela não é impune. Porque atrás de cada cor tem uma história e é através dela que o colorista age. Mesmo em uma interpretação inconsciente.

Breve histórico da psicologia da cor

Não é propósito deste trabalho estudar profundamente as Teorias das Cores. Não serão aprofundadas aqui as teorias de Leonardo da Vinci, Isaac Newton e muito menos Johann Wolfgang Von Goethe – os maiores estudiosos da cor também no seu espectro físico –, mas apenas tentaremos demonstrar a representação das cores químicas nas manifestações políticas no país. Entretanto é imprescindível relacionar o histórico simbólico com seu uso atual. Portanto, seguem algumas características inerentes a algumas cores que serão objeto de análise.

Vermelho

O vermelho foi a primeira cor a ser usada pela humanidade. Nas ditas representações hieroglíficas, nas pinturas rupestres o vermelho (assim como o ocre e preto) foi o pigmento utilizado. Importante ressaltar que o ocre, pela ação do fogo, chega a um vermelho intenso, logo se vê que o vermelho é aquele que tem o fundamento das demais cores.

As cavernas pintadas em Lascaux, no sudoeste da França, datadas de cerca 12.000 a.C. revelam as primeiras cores usadas pelo homem. Os pigmentos principais, vermelho, ocre e preto, simbólicos da vida (sangue) e morte, eram comumente criados a partir dos óxidos de ferro que coloriam a terra vermelha e do carvão ou osso queimado. Eles eram misturados às gorduras de animais e aquecidos para serem trabalhados. O amarelo ocre também era usado, enquanto o branco brilhante, feito a partir dos cristais de calcita, eram cuidadosamente incorporados no projeto total, entre as linhas de contorno do desenho, nas paredes da caverna (COLE, 1994, p. 8).

Pelas observações do pintor Wassily Kandinsky, um dos professores da Bauhaus, sobre o movimento concêntrico do vermelho como cor escura, constata-se que tal cor encerra em si outra condição: a de um aparente movimento concêntrico, ao contrário do amarelo – cor dispersa que ocupa um lugar maior que lhe é devido.

Sobre os estados anímicos provocados pelo vermelho, escreve ainda Kandinsky: “O vermelho (...) traz força, ímpeto, energia, decisão, alegria, triunfo, é tudo isto que ele evoca. Ele soa como uma fanfarra onde domina o som forte, obstinado, importuno da trombeta (PEDROSA, 1982, p. 109).

Desde a Comuna de Paris (1871)³, movimento que teve início após a derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana – a qual tinha como vermelha sua bandeira –, esta cor passou a simbolizar a revolução proletária e é atualmente identificada como símbolo universal de posições de esquerda. É a cor do materialismo, do fogo que transforma e da transformação em si, da revolução. Segundo Luciano Guimarães,

(...) é também a cor da ação e da imposição, marcas dos processos revolucionários. Na política, se opõe ao branco, da direita, tanto na Revolução Francesa quanto na Revolução Russa e em outros movimentos políticos posteriores. Como observou o cineasta russo Eisenstein, o vermelho, cor favorita de Marx e Zola, com a eterna e histórica oposição ao branco, representa a divisão parlamentar entre “esquerda” e “direita”: “Branco foram os emigrados e legitimistas tanto na Revolução Francesa quanto na Russa”. Pelos contrarrevolucionários, o vermelho recebe a conotação de perigo, uma ideia muito difundida para combater as manifestações e reivindicações populares quando orientadas por grupos políticos: o perigo do comunismo (GUIMARÃES, 2001, p. 121).

Resgatando as palavras de Sergei Eisenstein, em *O sentido do filme* (2002), percebe-se que também há casos de “violações temporárias”. Ele nos lembra de que no final da Revolução Francesa,

3 A organização dos trabalhadores tomou o poder na França, instalando o governo operário. A Comuna de Paris durou cerca de dois meses. Em maio de 1871, tropas militares, sob o comando da burguesia que havia sido destituída do poder, massacraram e mataram aproximadamente 20 mil pessoas (homens, mulheres e crianças), aprisionaram outras 38 mil e tomaram o poder dos revolucionários.

os sobreviventes da aristocracia, os mais violentos representantes da reação, iniciaram a moda de usar lenços e gravatas vermelhas. (...) E também os lenços vermelhos, em memória aos lenços de pescoço que enxugavam o sangue das "vítimas da guilhotina", uma lembrança que gritava por vingança por parte de todos os usuários simpatizantes (EISENSTEIN, 2002, p. 95).

O cineasta, há mais de um século, deixa registrada uma frase que serve como uma luva neste artigo: "Assim quando qualquer segmento do espectro da cor vira moda, podemos procurar atrás dele a *anedota*, o episódio que liga uma cor a ideias especificamente associadas" (EISENSTEIN, 2002, p. 95).

Além disso, o vermelho era visto também como a cor da nobreza, tanto nos mantos dos magistrados gregos e romanos quanto nas vestes dos eclesiásticos, além dos tapetes reais, e até nos sapatos dos nobres, os únicos autorizados a os usarem.

É visível, pois, que todas as cores têm conotações positivas e negativas. Mesmo em tempos de ódio e/ou guerra, o vermelho funciona como símbolo da trégua e da paz, compondo outra das bandeiras mais significativas dos últimos séculos, a da Cruz Vermelha Internacional. No Brasil, o vermelho é a cor da bandeira do Partido dos Trabalhadores (PT), do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), do Partido Comunista Brasileiro (PCB), da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e de outras entidades e partidos políticos de esquerda.

Verde, Amarelo e Azul anil

O amarelo é a cor mais expansiva no espectro, ocupando sempre um espaço maior que seus limites, parecendo sempre maior do que realmente é.

Segundo Kandinsky, o amarelo, representando o calor, a energia e a claridade, assume a primazia do lado ativo das cores, em oposição à passividade, friquidez e obscuridade, representadas pelo azul. Olhando-o fixamente, "percebe-se logo que o amarelo irradia, que realiza um movimento excêntrico e se aproxima quase visivelmente do observador" (PEDROSA, 1982, p. 111).

Evidenciam-se suas características quando atribuímos sua vizinhança com o verde, no espectro das cores (EISENSTEIN, 2002, p. 84). O verde, por outro lado, é associado aos símbolos da vida – jovens brotos de folhas, folhagem e a própria "verdura" – de modo tão firme quanto o é com os símbolos de morte e decadência – musgo, limo e sombras do rosto de um cadáver.

O amarelo, historicamente, é traduzido simbolicamente como cor divina e sagrada. E, entretanto, vista também como a cor da perfídia e da traição. Desde os gregos, a maçã dourada era o símbolo do amor e da concórdia, mas por oposição, representava a discórdia e todas as desgraças em consequência. Vide o Julgamento de Paris como o estopim para a Guerra de Tróia.

Na Idade Média, o amarelo era usado como símbolo dos párias, das prostitutas, das mães solteiras. No pescoço dos hereges, na hora da sua execução era colocada uma cruz amarela. Os que tinham dívidas deveriam costurar em suas roupas um círculo amarelo. Os judeus eram os mais discriminados. Desde o século XII eram obrigados a usar chapéus amarelos, altos, em forma de cone, às vezes curvados como um chifre (HELLER, 2000, p. 95). No século XX, novamente os judeus precisaram usar para sua identificação a estrela de Davi costurada às suas roupas. Mais que identificação, era uma forma de humilhação, pois a estrela de Davi para a religião judaica era azul.

O amarelo foi escolhido como a cor dos proscritos porque, como se disse, era a cor mais luminosa, logo a mais ostensiva – até na escuridão –, e de fácil visibilidade e identificação. “Como cor política, o amarelo desempenha entre nós um papel sempre negativo. Ainda não existiu nunca um partido que se autodenominasse ‘os amarelos’. Pois, num sentido político, o amarelo é a cor dos traidores” (HELLER, 2000, p. 96).

O vermelho [com vimos] é a cor da nobreza; o verde é a cor da burguesia, e aí existe uma subdivisão: um verde mais fraco, como o verde-claro ou verde-escuro para os burgueses mais pobres; o verde puro para a alta burguesia. Nos retratos antigos, caso houvesse um fundo verde, isto demonstrava que os retratados eram burgueses. O verde é a cor característica da burguesia (HELLER, 2000, p. 116).

Isso ao levarmos em conta que esta cor é o resultado da mistura do azul e do amarelo e, portanto se encontra no centro do espectro. Com características duais, ele não traz alegria nem tristeza, não tem calor nem frigeidez, não é rica em nada, não é pobre em nada.

Para Kandinsky, o verde absoluto é cor mais calma que existe. Não é o centro de nenhum movimento. Não se acompanha nem de alegria, nem de tristeza, nem de paixão. Não solicita nada, não se lança nenhum apelo. Esta imobilidade é uma questão preciosa, e sua ação benfazeja sobre os homens e sobre as almas que aspiram ao repouso. A passividade é o caráter dominante do verde absoluto, mas esta passividade se perfuma de unção, de contentamento de si mesmo (PEDROSA, 1982, p. 112).

Além disso, suas características “vitais”, descritas por Eisenstein, são substituídas muitas vezes por “venenosas”. Isso em função da tinta usada para pinturas artísticas, cujo pigmento, abundante em cobre, misturado ao vinagre produz azinhavre, o qual tem um efeito tóxico.

Azul é a cor mais fria. Preferida pela maioria, ela tem características divinas e é a mais profunda das cores. Calmante, em excesso causa depressão se a olharmos com os olhos no infinito – ela não tem barreiras, é o encontro do mar e do céu. Leonardo da Vinci a designou como a cor do ar, Paulo Gagarin como a cor da terra. Explicável pela lógica de que quanto mais longe um objeto, maior a camada de ar entre o olho e o objeto visto. “Nos países socialistas [europeus] declarou-se o azul como a cor da paz. Nas celebrações são hasteadas três bandeiras: a bandeira nacional, a vermelha do socialismo e uma azul lisa, sem qualquer decoração – é essa a bandeira da paz” (HELLER, 2000, p. 47).

Em um século *hi-tech* ela é sua própria definição, símbolo da alta tecnologia para qualquer cultura atual. Depois dessa breve descrição dos significados de cada cor, pode-se passar para o objeto primordial deste artigo: a cor como papel de significação ideológica nas manifestações partidárias.

Cor e a construção cultural nacional

Logo após o Golpe de 1964, o Brasil passou por momentos de necessidade de afirmação do ufanismo, mecanismo que a Ditadura usou para marcar sua presença. “Este é um país que vai pra frente” e “Ame-o ou deixe-o”, inscritos em verde e amarelo eram uns dos slogans usados para afirmar a obrigatoriedade de se amar um período de tristeza e arrogância militar. Assim, a bandeira nacional, símbolo máximo de uma pátria então subjugada pelos militares, prestou-se a professar uma ideologia de tal opressor.

Músicas que afirmavam essa opressão declamavam as cores. Don e Ravel, uma dupla de cantores popular, compôs a canção “Eu te amo, meu Brasil” que era entoada infinitamente nas rádios e virou *hit* na Copa de 1970. Um dos seus versos diz: “Eu te amo meu Brasil, eu te amo / Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil / Eu te amo meu Brasil, eu te amo / Ninguém segura a juventude do Brasil”.

Desde 1964, as cores da bandeira eram elegia de uma nação submetida às forças militares. O verde-amarelo-azul anil se tornou símbolo da Ditadura. Nesta ocasião, cidadãos com posições progressistas, ou de esquerda, renegavam tais cores – uma forma de se colocarem contra o governo ditatorial.

O que perdurou até o início da década de 1980. Até então apenas dois partidos eram permitidos pela ditadura: Arena (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro), em uma polarização permitida. Os cidadãos vinculados a entidades comunistas se inseriam no MBD, o partido de esquerda.

Em 1979, restabelecia-se o pluripartidarismo. O MDB se transformou em PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), e novos partidos surgiram, entre eles o PT (Partido dos Trabalhadores), o PDT (Partido Democrático Trabalhista), o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o PP (Partido Popular). A Arena se transformou no PDS (Partido Democrático Social), único a apoiar o governo. Neste mesmo ano, há a aprovação da Lei da Anistia.

Em 1982, três anos após a volta dos exilados políticos “absolvidos” por tal Lei, novos acontecimentos fariam o país sair do estado de tristeza. Neste ano, havia acontecido eleições, mas,

depois da quase euforia vivida na campanha eleitoral do ano anterior, a frustração: os governos estaduais eleitos pela oposição em 82, de mãos amarradas ao controle da política econômica exercido pelo governo central, sem recursos, não podiam cumprir suas promessas de mudança. (...) A única bandeira que pintava no horizonte escuro, acenando timidamente, era das eleições diretas – o primeiro passo, para a reconstrução deste rico e belo País, dilapidado, torturado, quase dizimado pela ditadura dos últimos vinte anos, mas ainda de pé, com vergonha na cara (KOTSCHO, 1984, p. 11).

O jornal *Folha de S. Paulo*, então um jornal com posições liberais, assume a posição de seu repórter Ricardo Kotscho e empunha a bandeira das eleições diretas, emenda proposta pelo deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT).

Um grupo de artistas e intelectuais criado após o comício da Praça da Sé, que adotou o nome de Comitê 25 de Janeiro, propôs no dia 9 de fevereiro a adoção da cor amarela para simbolizar a campanha das Diretas-Já. “O amarelo é uma cor nacional, a luz, o Sol, a energia, em confronto com a escuridão dos anos de arbítrio” disse a atriz Esther Góes. “É a cor da explosão do túnel”, completou Caio Graco Prado, editor da *Brasiliense*, que teve a ideia ao ver as pessoas de amarelo durante uma manifestação contra a ditadura de Ferdinando Marcos nas Filipinas. “Fiquei impressionado quando vi aquilo. Uma multidão absolutamente amarela”. No dia 12, a *Folha* publicou o editorial “Amarelo, sim”, defendendo a cor pela “necessidade de afastar corajosamente as nuances do espectro político para abraçar apenas uma delas, cristalina como a luz do dia”. Dois dias depois, os presidentes do PMDB, PT e PDT lançaram a campanha “Use amarelo pelas Diretas”⁴.

4 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/01/1402805-uso-do-amarelo-se-inspirou-em-atos-das-filipinas.shtml>. Acesso em: 18 out. 2015.

Em uma época sem redes sociais, o jornal publicou o número dos telefones de todos os congressistas, a fim de que os leitores tivessem a oportunidade de se comunicar diretamente com os parlamentares, manifestando a eles seu desejo de que a emenda fosse aprovada.

“Eu quero votar pra presidente” foi o slogan usado em adesivos, broches, camisetas, cartazes. Com o fundo amarelo e grafia cursiva – imitando letras manuais – em verde, além de um “x” em um quadrado branco, as peças, ou melhor, a campanha, foi encomendada pelo PMBD à agência paranaense Exclam. Sua veiculação massiva trouxe novamente as cores da bandeira nacional à população, antes envergonhada pelo uso ufanista.

Quando o Congresso rejeitou a emenda, a *Folha de S. Paulo* captou o sentimento popular. “A nação frustrada!” foi a manchete de 26 de abril. No lugar da faixa amarela o jornal colocou uma tarja preta com os dizeres: “Use preto pelo Congresso Nacional”. Na primeira página, a lista com os nomes dos responsáveis pela derrota. Ao lado, o editorial os chamava de “fiapos de homens públicos, fósseis da ditadura”.

A continuação do uso do verde-amarelo se deu imediatamente com a candidatura pelo Colégio Eleitoral (vitoriosa) de Tancredo Neves: “Muda Brasil, Tancredo já”. Reutilizando o mote das Diretas, o slogan foi redigido em preto, mas com dois borrões em verde-amarelo, os quais respingavam no texto. Tancredo, eleito, depois de dias de agonia falece e seu vice, José Sarney, assume a presidência. Ele ainda usará o verde-amarelo em 1986, para convocar a população, os “fiscais do Sarney”, para fiscalização de preços em ações quase cômicas.

Novos leiautes das bandeiras e símbolos partidários surgem e inclusive é criado, em 1988, pelo publicitário mineiro Francisco Bastos, o tucano verde-amarelo para o novo partido, PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Em 1989, surge o PRN (Partido da Reconstrução Nacional), ex-PJ (Partido da Juventude). Dessa agremiação surge o candidato Fernando Collor, que se elege presidente do Brasil, na primeira eleição Direta do país. Nome irônico – Collor –, para um homem que teria em si o espectro das cores a seu favor. Mas não foi o que lhe aconteceu. Depois de descalabros e escândalos,

(...) no 13 de agosto de 1992 (...) no auge da sua impopularidade, realizou um pronunciamento em cadeia nacional, apelando para que a população desse uma resposta àqueles que ele considerava a minoria baderneira que procurava desestabilizar caluniosamente se governo *collorido*. A resposta, proposta pelo ex-presidente, consistia na população vestir-se de verde e amarelo, as cores nacionais, e ir para as ruas, praças etc., no domingo, 16 (GUIMARÃES, 2001, p. 87-88).

O pronunciamento teve efeito contrário. Em todo o país a população se vestiu de preto, e se manifestou no que foi chamado "Domingo negro". Passeatas, carreatas, crianças, bandeiras, flâmulas emergiram em uníssono. Tudo o que podia ser pintado de preto o foi. Jovens estudantes, no entanto, rabiscaram de verde-amarelo seus rostos como jovens indígenas em luta. Aí se viu a inversão do uso das cores, novamente o verde-amarelo era contrário à vontade nacional. Naquele dia e nos subsequentes, a cor da pátria foi o negro.

O vermelho e o verde-amarelo: cores não complementares

Nas manifestações populares que começaram em 2013, e nas que se seguiram depois destas, vimos que grupos antagônicos usaram cores distintas para suas alegorias, vestimentas, inscrições e bandeiras. A cor vermelha para os manifestantes de esquerda e o verde-azul-amarelo para os opositores ao governo do PT. Vimos que as alianças de esquerda, em sua maioria, têm sua bandeira vermelha, enquanto as de direita, no caso em questão opositora ao governo, têm nas suas o verde-amarelo.

Desde as eleições de 2002 quando o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e o candidato do PSDB, José Serra, disputaram as eleições presidenciais, houve a guerra das cores. Os eleitores do PT, cuja bandeira é vermelha, assim como a de seus aliados, digladiaram-se contra as bandeiras verdes e amarelas do partido contrário. Aliás, desde que o Partido dos Trabalhadores disputou suas primeiras eleições presidenciais, essa manifestação vermelha *versus* as cores verde e amarela dos adversários acontece. Lula venceu duas eleições e sua sucessora, Dilma Rousseff, as outras duas últimas. O mar vermelho sempre se manifestou nos cenários dessas campanhas, tanto nacional quanto local.

Enquanto isso, na preparação para a Copa do Mundo, realizada no Brasil em 2014, houve outra campanha midiática contra o governo. Opositores, vestidos de verde e amarelo, uniforme oficial da CBF, gritavam que "não haveria Copa". No entanto, o Brasil, apesar de sofrer a derrota esportiva, se viu como anfitrião de primeira qualidade, mesmo deixando de ser o "país do futebol".

Em junho de 2013, tendo como estopim o Movimento Passe Livre (MPL), parte da população voltou às ruas. Outras cores levantaram bandeiras, inclusive o preto dos Black Blocs, grupos que se definem como anarquistas e se "mostram" com rostos tampados. A partir dessas manifestações, a Grande Mídia Nacional entrou em ação de uma forma mais agressiva que esses militantes citados acima. Alimentando divergências e se colocando claramente a favor dos candidatos de direita, tomou as rádios e TVs, colocando seus programas e comentaristas contra qualquer ato do governo.

Na campanha eleitoral de 2014, enquanto Dilma Rousseff concorria ao seu segundo mandato, revistas e jornais de maior tiragem como *Veja*, da Editora Abril; *Época*, da Editora Globo; *IstoÉ*, da Editora Três; e os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, além de jornais locais, colocaram-se, inclusive editorialmente, contra a presidenta. Carta Capital foi a única publicação que se manteve em uma posição de centro-esquerda. Na história da democracia brasileira, nunca se havia visto um massacre como o do "PIG" (Partido da Imprensa Golpista), como o denominou Paulo Henrique Amorim.

Importante lembrar que os grandes grupos midiáticos estão nas mãos de uma minoria inexpressiva em números e bilionária em finanças, mas que circula absurdamente em todo o território nacional. A televisão aberta ainda é assistida pela maioria da população, a qual acredita com veemência no que lhe é transmitido. A Rede Globo, através do Jornal Nacional, do Programa do Faustão e similares, tornou-se porta-voz de críticas contra o governo, assim com as demais redes de comunicação. As passeatas convocadas pela direita tiveram cobertura e convocações implícitas. Como esses "bastiões" se trajavam de verde e amarelo, as telas das TVs eram verdes e amarelas.

A oposição tomou para si as cores da bandeira nacional, assumindo o discurso de quem se vestisse de vermelho era o inimigo "comunista". Como a maioria dos leitores e espectadores da Grande Mídia são parte daqueles que foram privilegiados por uma política de ascensão social, refletiram-se na classe mais, bem mais alta. Esta, sim, crítica feroz de um partido contrário a ela, seu adversário há doze anos. E sempre vitorioso. Logo, o vermelho passou a ser a cor que traria o medo e a desesperança.

O PSDB, junto com seus partidos aliados, mesmo perdendo as eleições de 2014, trouxe um discurso de crítica tão assustador que levou para sua pós-campanha – denominada terceiro turno –, o símbolo da bandeira nacional como se o Brasil tivesse sido engolido por um dragão vermelho de ódio.

Nos eventos mais recentes, o embate midiático perdura, o PIG mantém dia-a-dia as críticas e manifestações são convocadas continuamente. Enquanto a Grande Mídia mostra as ruas tomadas pelo verde e amarelo, as redes sociais e os blogs progressistas tomaram para si as convocações da esquerda mostrando o vermelho das bandeiras tingindo as ruas paralelas.

Cartazes inscritos nas cores da bandeira nacional disputam com os pintados de vermelho. A disputa política e o ódio ao adversário têm, portanto, sua representação nas cores.

O dono das cores da bandeira nacional

Através da História, vimos um pouco da psicodinâmica das cores, para se chegar ao uso da pigmentação da nossa bandeira. Ao discorrer sobre seu uso político é visível que há um sentido camaleônico na sua utilização. A conjugação das cores verde, amarelo e azul é usada conforme o movimento político que interessa. Tanto pode servir como representação ufanista de uma Ditadura, quanto pode ser usada por movimentos pela Democracia.

Interessante é que nossa bandeira tem certa cinesia na representação de suas unidades federativas, vide a quantidade de estrelas brancas no círculo azul. Em 1889, eram 21 unidades federativas e hoje são 27. Quanto mais estados se cria, mais estrelas se apresentam, criando uma mobilidade estética. Como um zangaburrinho, representa sentimentos contraditórios, ora a favor, ora contra o país.

Mesmo no propósito cultural de símbolo nacional seu uso sempre foi emocional. Não obstante, vimos que se as cores verde-amarelo são de quem lhes necessita para uso social, político, cultural, elas não tem apenas um dono. São de todos os brasileiros e de nenhum. O vermelho, no entanto não tem seu lugar neste símbolo de representação nacional, mas permanece como significado e significante universal na representação da esquerda.

Qual a cor do Brasil?

Para finalizar precisamos falar sobre a palavra Brasil. Desde que Alexander von Humboldt defendeu, em seu *Examen critique de l'histoire de la geographie du nouveau continent* (CANTARINO, 2004, p. 14), que nosso país havia recebido tal nome pela predominância da árvore pau-brasil (*caesalpinia echinata*), valorizada mundialmente por causa da tinta vermelha que era extraída de sua madeira, não nos coube dúvidas.

Entretanto, o pesquisador irlandês O'Connor Daunt defende que o nome Brasil vem do topônimo Hy-Brazil, ilha do Atlântico referência idílica dos antigos irlandeses. Outro estudioso, Adelino José da Silva Azevedo, reforça O'Connor afirmando que a origem celta lhe parece indiscutível. Segundo tal autor,

(...) os fenícios, notáveis navegadores e comerciantes, mantinham intenso comércio de óxido de estanho, de corante vermelho mineral, com os celtas, povo metalúrgico e mineiro, que extraía esse produto desde a Ibéria até a Irlanda. Nesse intercâmbio, os fenícios foram seguidos pelos gregos, que designavam o óxido de estanho e o vermelhão dele obtido por *kínnabar*, *kinnábari*, (...) denominação aplicada depois ao tom vermelho de qualquer matéria-prima. O Gr. *Kínnabar*, *kinnábari* forma-se da raiz *kínn*, que traduz a idéia de

'metálico e rubro', de *na*, 'qualidade de ser metal, de ser rubro', e da *partículabar*, 'sobre, em cima de, superioridade'. Uma característica do céltico era a próclise das partículas, em oposição à ênclise grega. Assim, entende-se como o Gr. *Kínnabar*, *kinnábari* corresponde ao *barcino*, *brakino*, *breazail* céltico, também nome do vermelhão (d'AZEVEDO, 1967 apud CANTARINO, 2004, p. 99).

Prossegue estabelecendo que não existe dúvida, "duma vez por todas, que o *brazil*, é radicalmente, o nome dum corante 'vermelho'". Entretanto, segundo d'Azevedo, esse corante seria de origem mineral e muito anterior à tintura avermelhada de origem vegetal. O termo *brazil* estaria, então, relacionado ao rubro óxido de estanho que, do latim *cinnabar*, acabou gerando a palavra *cinábrio*. O *Dicionário Houaiss* (2001) informa que cinábrio é um sulfeto de mercúrio trigonal, vermelho e brilhante, que constitui a principal fonte de extração desse metal.

Ao evoluir sua busca em dicionários de irlandês-inglês, Cantarino afirma que a palavra *bresal* é o nome de um pigmento, do latim *breasal*, e está associada ao ocre vermelho, "às expressões 'rubro', 'mancha vermelha'. (...) Outras palavras que chamam a atenção são: *brásáil*, que quer dizer abraçar, e *Brasáíleach*, brasileiro" (CANTARINO, 2004, pp. 100-101). Vê-se que o verde, o amarelo e o azul são as cores da bandeira brasileira, mas a origem do nome que ela representa e que vem abraçar este artigo mostra que o Brasil é vermelho.

Referências

CANTARINO, G. *Uma ilha chamada Brasil: o paraíso irlandês no passado brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

COLE, A. *Cor: o guia visual essencial à arte da cor, desde a pintura na Renascença até os meios modernos atuais*. Singapore: Painettu Singaporessa, 1994.

EINSENSTEIN, S. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FOLHA DE S. PAULO. "Uso do amarelo se inspirou em atos das Filipinas". Poder, 25 Jan. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/01/1402805-uso-do-amarelo-se-inspirou-em-atos-das-filipinas.shtml>. Acesso em: 18 out. 2015.

GUIMARÃES, L. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000.

HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HELLER, E. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. Barcelona: Garamond, 2012.

KOTSCHO, R. *Explode um novo Brasil: diário da campanha das diretas*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MANUAL NACIONAL DE CAMPANHA. *Muda Brasil! Tancredo já*, 1984.

PEDROSA, I. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1982.

WILLIAMS, R. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

submetido em: 06 mar. 2016 | aprovado em: 04 mai. 2016